

A EDUCAÇÃO EMOCIONAL E VIVÊNCIA DO MEDO EM MÃES DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Maria Maysa Romão Bezerra¹
Stephanny Angel de Souza Medeiros Dantas²
Andreza Vidal Bezerra³
Taísa Caldas Dantas⁴

RESUMO

Este estudo surge no âmbito do Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC) e tem como objetivo analisar os principais estímulos geradores da emoção do medo em mães de jovens com deficiência estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola estadual paraibana. Culturalmente as mães são responsáveis pelos cuidados dos filhos e nesta relação surge um universo de emoções e sentimentos, que podem contribuir para a superação ou para o medo. Nesse contexto, a Educação Emocional se apresenta como uma ferramenta pedagógica que corrobora para que a emoção do medo seja vivenciada de maneira saudável pelas mães de jovens com deficiência. Esta pesquisa tem natureza qualitativa e foi realizada por meio da entrevista semiestruturada, com 10 participantes, mães de jovens com deficiência intelectual. Os resultados deste estudo apontam que as mães têm como principais estímulos para a emoção do medo: a insegurança, a morte e o futuro do filho com deficiência. Apresentam pouca consciência do seu universo emocional, destacando a necessidade de que o medo seja vivenciado de maneira saudável e consciente, para oportunizar o empoderamento desses sujeitos.

Palavras-chave: Educação Emocional, Medo, Deficiência, Mães.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar os principais estímulos geradores da emoção do medo em mães de jovens com deficiência intelectual estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola estadual paraibana. O argumento central do estudo é o de que a Educação Emocional pode contribuir para que a emoção do medo seja vivenciada de maneira saudável e inteligente pelas mães e pelos jovens com deficiência, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma relação mais afetuosa entre as mães e os seus filhos e para o empoderamento desses sujeitos na sociedade como um todo.

A justificativa para que esta pesquisa fosse direcionada à vivência da emoção do medo pelas mães de jovens com deficiência é fundamentada no contexto apresentado pela própria

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, mmaysarb@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, stephannyangeldantas@gmail.com

³ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB andrezavidalbezerra@outlook.com;

⁴ Professor orientador: Doutora em Educação, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, taisa.cd@gmail.com; (83) 3322.3222

instituição, campo onde a pesquisa foi desenvolvida. Foi observado que, em sua grande maioria, as mães que acompanham seus filhos na instituição são responsáveis pelos cuidados diários, pelos tratamentos, pelo acompanhamento escolar e pelas demandas e necessidades especiais trazidas pelo filho com deficiência, sendo elas as mais expostas ao universo de emoções que envolve a criação desse filho, em que o medo é uma das emoções mais presentes e que norteia a vivência da maternidade para essas mulheres.

Nesse sentido, é importante que se estabeleça um diálogo e uma maior aproximação entre a família e a escola, pois é sabido que as relações familiares refletem diretamente na qualidade da educação recebida por estes estudantes. Vale lembrar que este é um caminho apresentado por diversos autores da área, sendo assim, as escolas devem procurar inserir e estimular em seu projeto pedagógico um espaço para valorizar, reconhecer e trabalhar as práticas educativas familiares e utilizá-las como instrumento fundamental nos processos de aprendizagem dos estudantes (DESSEN; POLONIA, 2007).

O primeiro contato que temos com a sociedade acontece na família, e através dela conhecemos o mundo e adquirimos as primeiras impressões sobre quem somos. No seio familiar encontram-se relações que desencadeiam situações emocionais complexas, que acabam influenciando o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos, seja de maneira saudável ou não (BUSCAGLIA, 1997).

Nesse sentido, a família tem um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano e apresenta influência direta no seu aprendizado, no campo emocional e psíquico, nos valores sociais, entre outras esferas. Quando observado o contexto das famílias com filhos com deficiência, percebe-se que há um impacto significativo na vivência das emoções entre esses sujeitos, o que influencia diretamente o desenvolvimento emocional desses indivíduos e, conseqüentemente, atinge a maneira com que essas pessoas lidam com o seu campo emocional e afetivo.

As mães, em sua situação específica de maternidade, também acabam por vivenciar desafios advindos da problemática social que gira em torno dos seus filhos com deficiência, afetando igualmente o seu universo emocional e a sua vida como um todo. No cotidiano dessas mães é possível analisar situações e estímulos emocionais que despertam emoções diversas, dentre elas, está a emoção do medo.

A emoção do medo é compreendida como uma emoção básica e natural, visto que tem como função adaptativa a proteção, o bem-estar do indivíduo e a sobrevivência. Ao contrário das narrativas sociais que tratam a emoção do medo como uma emoção negativa, Possebon (2017) afirma que a capacidade adaptativa trazida pelas emoções permite afirmar que não há

emoções negativas ou positivas, contudo todas são humanas. Ainda de acordo com Possebon (2017) para aprender a vivenciar a emoção do medo e regular-se emocionalmente é necessária a criação de uma nova compreensão e ressignificação da situação, o que significa inovar, traçar novas configurações, desta vez mais favoráveis para si.

Nessa perspectiva, a Educação Emocional surge como uma ferramenta de regulação das emoções e de autoconhecimento, sendo um instrumento que possibilita ao indivíduo educar-se emocionalmente (CASASSUS, 2009).

A natureza desta pesquisa é de cunho qualitativo e como instrumento de pesquisa foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, o qual foi desenvolvido com a finalidade de conhecer os principais estímulos geradores da emoção do medo, buscando analisar como a emoção do medo é vivenciada pelas mães de jovens com deficiências a partir da ótica da Educação Emocional. O campo de pesquisa foi uma escola estadual pertencente à uma fundação paraibana que atende pessoas com deficiências. Os sujeitos desta pesquisa são mães de estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A seguir, serão apresentados alguns apontamentos teóricos sobre a história das pessoas com deficiência na sociedade, a instituição familiar, a emoção do medo e a Educação Emocional. Posteriormente, será apresentado o percurso metodológico adotado e, por fim, a análise dos dados recolhidos sobre os estímulos geradores da emoção do medo entre mães de jovens com deficiência intelectual.

METODOLOGIA

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, destaca-se que as raízes dessa pesquisa surgiram no âmbito do Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC), concebida através de um Projeto de Extensão realizado no ano de 2019, com o objetivo de realizar oficinas pedagógicas sobre educação emocional, englobando as diversas emoções. Aqui, especificamente, apresentamos os dados relativos a oficina do medo e a pesquisa que foi feita a partir desta vivência. O campo de pesquisa deste estudo foi uma escola pertencente à uma fundação paraibana especializada no acompanhamento e na assistência voltadas às crianças, jovens e adultos com deficiência, localizada no município de João Pessoa - Paraíba.

Os participantes da pesquisa foram 10 mães de jovens estudantes inseridos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A faixa etária dos sujeitos da pesquisa varia entre 38 e 69 anos. O perfil profissional das mães engloba duas artesãs, três domésticas

e cinco "donas de casa". O estado civil aponta que cinco delas são casadas, três solteiras, duas viúvas e uma divorciada, com predominância da religião católica.

No tocante ao instrumento utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado produzido pelo grupo de pesquisadoras, com a finalidade de analisar os estímulos que desencadeiam a emoção do medo entre as mães de jovens com deficiência. Para se tornar mais acessível, realizamos a entrevista após a oficina pedagógica sobre a emoção do medo para que ficasse mais claro para elas e solicitamos que as entrevistadas respondessem oralmente às indagações. Após a realização das entrevistas, foram feitas as transcrições dos áudios e a catalogação dos dados recolhidos para análise.

DESENVOLVIMENTO

As pessoas com deficiência passam por um processo histórico de exclusão, abandono, desprezo, rejeição e preconceitos devido à falta de entendimento da sociedade, da escola e da família sobre o tema. A definição recebida pelas pessoas com deficiência nos faz perceber a presença de estigmas sociais, crenças infundadas, argumentos médicos defasados, segregação e preconceitos. A compreensão e a forma de agir da sociedade com relação à deficiência como fenômeno se diversificou ao longo dos anos, estando sempre ligado às condições sócio históricas (ARANHA, 2005).

As problemáticas que envolvem a pessoa com deficiência na sociedade permite compreender e refletir sobre as consequências que o preconceito e a discriminação trouxeram para aquele que é considerado 'diferente', envolvendo as relações que se apresentam no ambiente familiar e no desenvolvimento da pessoa com deficiência ao longo de sua vida.

A família é o primeiro e mais importante 'berço' do indivíduo, tendo como função primordial satisfazer todas as necessidades físicas, afetivas e sociais da criança, cumprindo também a função mediadora entre a criança e o mundo social (D'ANTINO, 1998, apud, REGO; SOARES, 2003). Nesse sentido, considera-se a família como principal suporte da pessoa com deficiência, pois esta necessita de uma atenção especial e direcionada à sua condição, além de ser necessária a garantia de ações que permitam que esse apoio seja realizado de maneira eficiente.

Para a família, durante muitos anos ter um filho com algum tipo de deficiência se caracterizou como um drama ou até mesmo um luto familiar. Devido a esse fato, estas pessoas viviam isoladas dos espaços sociais, além de não terem acesso à sociedade de forma plena.

Por esse ângulo, é preciso compreender que o nascimento de um filho é um momento de muita alegria para a maior parte das famílias, porém, tudo muda quando nasce uma criança com deficiência, ocasionando um momento de dor, lágrimas, frustração, angústia, medo, insegurança, culpa e muitos outros sentimentos que envolvem esta situação (REGO; SOARES, 2003).

Observar a conjuntura familiar que as pessoas com deficiência estão inseridas é fundamental para entender seu comportamento, seu desenvolvimento e como ela reage e interage com a sociedade. O comportamento da criança com deficiência é talhado pelas ações de outros e os ajustamentos da família desta criança tanto podem limitar e distorcer como encorajar e facilitar a potencialidade de desenvolvimento da criança (MOURA; VALÉRIO, 2003), assim como seu empoderamento e autonomia. Quando o ambiente familiar não permite que o sujeito vivencie experiências diversificadas e o limita à uma relação que subtrai a sua capacidade e desenvolvimento, o mesmo ficará exposto à vulnerabilidade, o que causará a dependência.

Dentro desse contexto familiar de uma pessoa com deficiência é observado que, geralmente, a mãe é a grande responsável por educar e cuidar do filho com deficiência, fazendo com que estejam mais propensas a desenvolver o estresse emocional guiado pelo medo e preocupação. As relações entre mãe e filho está sedimentada na troca de amor, como também no nascimento de emoções e sentimentos outros que podem trazer como consequência superação e coragem, como também medo e reclusão (GUERRA et al, 2015).

As mães de filho com deficiência geralmente abdicam da vida profissional e passam a direcionar seu tempo para auxiliar no desenvolvimento saudável do filho e, junto a isto, elas precisam ainda aprender a lidar com um conjunto de emoções e sentimentos, como a tristeza, frustração, medo e insegurança. “Para as famílias e, especialmente para as mães, as consequências de ter um filho nestas condições são ainda maiores, uma vez que culturalmente a elas compete o cuidado da prole” (BASTOS; DESLANDES, 2008, p. 2142).

Cuidar e educar um filho com deficiência é um processo árduo, que traz consigo uma experiência carregada de emoções e sentimentos, que pode perdurar por toda vida. Sabendo que os filhos com deficiência precisam de apoio familiar para sua formação social, emocional e educacional, parte destes sujeitos crescem cercados por um ambiente que não contribui para o seu desenvolvimento, gerando barreiras emocionais e sociais para a sua inclusão.

Diante desta realidade, é importante garantir condições para que a pessoa com deficiência desenvolva o seu potencial enquanto sujeito social e, a partir disso, alcance sua autonomia e identidade para exercer a sua cidadania. Para isso, é fundamental que exista uma

atenção para os pais e mães tendo como objetivo assegurar que o contexto familiar promova uma vivência emocional saudável que possibilite o desenvolvimento integral de todos os envolvidos e a sua autonomia afetiva (OLIVEIRA; POLLETO, 2015). A família precisa compreender o mundo emocional que envolve essa relação e como as emoções podem influenciar na dinâmica pessoal dos pais e filhos.

As emoções são um componente natural do ser humano e estão presentes em todos os indivíduos. De acordo com Casassus (2009) as emoções são como ondas energéticas que nos ocorrem e, ao se diferenciarem de nós, podemos observá-las como uma entidade diferente e passageira que vem e vai embora. As emoções ainda são caracterizadas por tudo aquilo que mobiliza e gera uma ação mediante um determinado estímulo ou situação.

De acordo com Possebon (2017), sabe-se que as emoções influenciam a personalidade, os comportamentos e têm impactos na saúde, ou seja, isso quer dizer que elas têm a capacidade de afetar todo o corpo e não só uma parte dele. De forma geral, podemos afirmar que as emoções estão relacionadas com um movimento interno ocasionado por algo que afeta a nossa alma.

A emoção do medo faz parte do conjunto das emoções básicas, também conhecidas como universais ou primárias. As emoções básicas são aquelas inatas e presentes em diversas culturas e povos, indicando um tipo padrão universal biológico de resposta (POSSEBON, 2017). Nesse sentido, o medo é considerado uma das emoções de maior valor protetivo e de sobrevivência devido à sua herança emocional, em que é correto afirmar que existe uma predisposição filogenética para absorver determinados medos a fim de manter a integridade física do indivíduo (POSSEBON, 2017).

Devido ao fato do medo ser uma emoção que gera sensações desagradáveis, existe uma narrativa social de que o medo é uma emoção ruim ou negativa. Isto deve ser desmistificado pois não existem emoções “positivas” ou “negativas”, existem apenas emoções e reações emocionais que se fazem presentes em cada sujeito com finalidades diversas, sendo o medo ativado por uma percepção de dano ou perigo, afastando o indivíduo de situações ou estímulos que apresentem riscos ao seu bem-estar físico ou psíquico (POSSEBON, 2017). Dessa forma, pode-se afirmar que o medo compõe um sistema de condutas emergenciais que proporcionam uma ativação imediata do organismo com a finalidade de proteger a vida (NAVAS; BOZAL, 2012).

A Educação Emocional, por sua vez, apresenta-se como uma ferramenta pedagógica de extrema relevância. De acordo com Casassus (2009) “a Educação Emocional [...] não é apenas um caminho de aquisição de habilidades, mas uma educação de integração em que o

professor e o aprendiz são a mesma pessoa” (p. 134). Dessa forma, a Educação Emocional está preocupada em trabalhar o desenvolvimento integral dos indivíduos, partindo da ideia de que a educação é um processo que se dá através das relações interpessoais e por este motivo, está impregnada de fenômenos emocionais (POSSEBON, 2017).

A Educação Emocional surge a partir de uma necessidade social e educativa, tendo como objetivo maior o desenvolvimento de habilidades e competências emocionais com o intuito de contribuir satisfatoriamente para o bem-estar individual e coletivo dos indivíduos em sociedade (POSSEBON, 2017). Os conhecimentos que estão imbricados na proposta da Educação Emocional implicam o conhecimento e o autoconhecimento em torno do universo emocional e da finalidade de vivenciar as diversas emoções de forma satisfatória e saudável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados nesta pesquisa, foram percebidos alguns estímulos emocionais capazes de despertar a emoção do medo nas mães de jovens e adultos com deficiência. Possebon (2017, p.16) apresenta que “a emoção é uma reação natural e se configura como uma resposta imediata que surge mediante um estímulo ou uma situação”, mas orienta que não é qualquer situação que tem o poder de desencadear uma emoção, pois, para que a situação emocione, ela precisa ser um Estímulo Emocional Competente - EEC, termo criado por António Damásio (2013) para designar que toda emoção emerge da avaliação que a pessoa faz da realidade e de seu olhar perante a situação.

Considerando os achados, um dos Estímulos Emocionais Competentes capazes de gerar a emoção do medo entre as mães dos jovens com deficiência foi a falta de autonomia dos filhos. Isso pode ser observado quando uma das mães responde “*Não me deu medo de nada, só preocupação dele crescer, não ser dono de si, como os outros têm, eu sempre pensava nisso*”. A preocupação da mãe exposta em sua fala é explicada pelo fato de que é natural que as pessoas tomem as suas próprias decisões e façam as suas próprias escolhas, porém, para as pessoas com deficiência, essa autonomia é mais difícil de ser alcançada devido às problemáticas sociais e ambientais que as impedem de ter êxito neste aspecto. Vale salientar que a ausência da autonomia pode afetar o empoderamento destas pessoas, assim como o bullying e o preconceito podem afetar a autoestima.

Outro fator apontado pelas mães está relacionado ao desconhecimento do próprio universo emocional, provocando uma confusão de emoções e sentimentos em que o medo

perdura por toda a vida. Na fala a seguir, percebe-se que há um misto de emoções e sentimentos: *“A gente fica revoltado, triste, magoada, porque sabe que é uma coisa pro fim da vida, né?”*. O fato de não saber identificar a emoção que provoca as sensações e os sentimentos que se fazem presentes diante desta realidade, a mãe do jovem com deficiência acaba por não compreender a natureza da emoção e, também, não é capaz de compreendê-la.

Esse cenário traz muitas consequências para a vida destas mães. De acordo com Santos et al. (2018), os maiores índices de depressão estão ligados às mães devido ao fato destas serem as principais responsáveis pelos cuidados diários desses sujeitos e, assim, as famílias com pessoas com necessidades especiais estão mais propensas a enfrentar situações estressantes que normalmente estão associadas à falta de apoio social, somados ao difícil acesso aos serviços públicos disponíveis, em que a família passa a ter dificuldades em se adaptar à rotina e às necessidades destas.

Passado esse momento de superação, percebe-se que em sua grande maioria, as mães direcionam o medo a outros fatores para além da relação com os seus filhos, porém estes permanecem guiando as vivências emocionais das suas mães, como pode ser analisado na seguinte fala: *“Eu consegui superar meu medo mas eu sempre fico (com medo) quando ele tem alguma crise convulsiva. Eu sempre fico com aquele nervoso, né? A gente sempre fica insegura”*. Percebe-se que a insegurança se destaca como um estímulo para que a emoção do medo permaneça presente no universo relacional entre a mãe e o filho.

Compreendido como um estado de alerta, o medo ocorre com a intenção de evitar situações de perigo ou que coloquem em risco a preservação da vida ou do bem-estar do indivíduo – daí ser a morte o medo primordial do ser humano (POSSEBON, 2017). O estímulo mais citado pelas mães que participaram da pesquisa foi o fato de deixar o filho sem seus cuidados após a sua morte, podendo ser percebido através das falas a seguir:

1- *“Não diminuí nunca, porque você sabe a gente chega um tempo que a gente vai e eles ficam, a minha preocupação é essa quando eu não tiver mais aqui, a minha preocupação é essa de um dia quando eu não estiver mais aqui.”*;

2- *“Os maiores medos que eu acho, assim, não é medo, assim, preocupações né... De um dia quando... Ninguém sabe quem vai primeiro e eu me preocupo se um dia eu for primeiro do que ela... Quem vai tomar conta dela.”*;

3- *“Meu medo é só isso mesmo, não tenho medo de nada. O meu medo é no dia que Deus me levar, o problema é esse deixar ele sozinho.”*

Dentro deste contexto a mãe desenvolve uma série de perturbações que trazem o medo de adoecer, envelhecer e o medo da própria morte, juntamente com o receio de quem será o responsável pelos cuidados do seu filho com deficiência (OLIVEIRA; POLLETO, 2015). Isso ocorre devido ao fato de que, mesmo que no ambiente familiar as vivências de pais e mães sejam as mesmas, as mães são aquelas que geralmente se dedicam com mais empenho no

desenvolvimento dos filhos, pois é uma característica sociocultural e uma visão machista atribuída às mulheres de forma mais explícita e imposta.

O universo que envolve a relação entre a mãe e o filho é conduzido por desejos e anseios trazidos pelas genitoras que projetam o futuro do filho, sonhando com um futuro de sucesso na carreira profissional, nos estudos, nos relacionamentos, entre outras áreas da vida. Quando falamos de um filho com deficiência, o caminho que este sujeito seguirá vai estar carregado de um conjunto de sentimentos baseados na não concretização dos anseios da mãe em sua situação de maternidade, apresentando um caminho para que a emoção do medo se faça presente nessa incerteza do futuro do seu filho, como alega uma das entrevistadas: *“Não, o futuro dela se... Se depender de mim, da minha vontade, eu quero que ela estude... Termine os estudos, seja independente, capaz...”*

Grande parte das participantes desta pesquisa não acreditam que seus medos interferem na vida dos filhos, alegando não perceberem nenhum comportamento deles que aponte para esse fator. No entanto, o cuidado maternal e a convivência diária impedem que essa observação seja realizada de maneira imparcial e que não esteja influenciada pela visão afetiva e materna, em que as atitudes e reações emocionais das mães sobre a emoção do medo diante das problemáticas dos filhos passam a ser entendidas por estas como um ato de amor, proteção e cuidado.

A relação entre mãe e filho é norteadada por uma série de estímulos emocionais que apontam para a emoção do medo. Nesse sentido, muitas mães não recebem apoio necessário nessa área da vida e, muitas vezes, buscam estabelecer uma relação com o divino para lidar com os medos ou passam a ignorar essa realidade em sua vida, como encontramos na seguinte afirmativa: *“Conseguo lidar, eu esqueço sabe? Eu não fico pensando nisso não...”* O medo surge como um elemento ignorado pela mãe nesta relação, o que impossibilita a mediação e regulação emocional (CASASSUS, 2009).

Geralmente, as atitudes tomadas por pessoas que vivenciam a emoção do medo de forma não saudável ocasionam, nessa situação específica, o impedimento de que o filho com deficiência encontre sua autonomia e identidade. Este fator deve ser considerado pois mina as possibilidades de que o sujeito com deficiência seja o guia da sua vida e que tenha suas próprias escolhas, impedindo-o de ter uma atitude empoderada diante das situações cotidianas e diante da vida de forma geral.

Para que resulte em uma relação em que ambos evoluam emocionalmente e nos mais amplos sentidos, a relação entre mães e filhos com deficiência perpassa, necessariamente, a

indispensabilidade de que o mundo emocional seja levado em consideração e que competências e habilidades emocionais sejam trabalhadas. Quando o medo está neste ambiente relacional, Possebon (2017, p. 40) ressalta que:

Aprender a lidar com o medo e regular-se emocionalmente requer a criação de um novo entendimento e significação da situação, assim como o desenvolvimento de uma atitude protetiva. Isto significa libertar-se do que aprisiona, distanciar-se do que impede o bem-estar. A criação de um novo entendimento da realidade significa inovar, traçar novas configurações, desta vez mais favoráveis para si.

A família que recebe apoio emocional, amplifica os meios de vencer preconceitos e dificuldades, fortalecendo em si e no seu filho com deficiência a confiança e autoestima, que resultam no empoderamento. A experiência do empoderamento significa aumento de poder, o desenvolvimento da autonomia pessoal no relacionamento interpessoal e institucional, particularmente daqueles que sofrem opressão e discriminação social. (KLEBA; WENDAUSEN, 2009)

A família saudável ainda deverá enfrentar esta situação de exclusão e preconceito de forma mais realista e produtiva, buscando soluções no núcleo familiar para enfrentar as pressões internas e externas provocadas pelo ambiente social. Para tanto, é fundamental que a família adquira uma compreensão mais profunda sobre seus sentimentos e reações perante a deficiência e favoreça um ambiente saudável de relações, para que o sujeito possa se desenvolver e ampliar sua vida social, compreendendo suas limitações e buscando sua identidade (REGO; SOARES, 2003).

Os resultados apontados com esta pesquisa, apresenta que os Estímulos Emocionais Competentes necessitam de um trabalho aprofundado acerca da emoção do medo com as mães dos jovens com deficiência. Isso porque a Educação Emocional proporciona ao sujeito o autoconhecimento e possibilita a consciência acerca das suas emoções, bem como oferece um caminho para que a relação mãe e filho não se desenvolva sendo norteadada pela emoção do medo. Através de um trabalho de Educação Emocional é possível propiciar o autocontrole emocional e um direcionamento para a tomada de decisões diante desta realidade, como também no enfrentamento de situações de vulnerabilidade, para que os sujeitos envolvidos não percam a sua autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa foi possível conhecer e analisar os principais Estímulos Emocionais Competentes que levam à vivência da emoção do medo em mães de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

estudantes com deficiência estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos de uma escola estadual paraibana. As ocorrências que mais se destacaram foram aquelas pertencentes ao universo da deficiência dos filhos, o que aponta a insegurança como base desse relacionamento. As entrevistadas ainda apontaram a morte e o futuro dos filhos como alguns dos principais estímulos para a vivência da emoção do medo nesta relação.

A chegada de um filho tem um impacto na vida emocional da família e quando este tem o diagnóstico da deficiência, o medo do desconhecido faz parte dessa realidade, pois há uma necessidade de repensar projetos de vida, e alguns sonhos são interrompidos, pois outros limites e necessidades aparecem. O novo contexto na vida dessas famílias apresenta uma realidade que precisa de adaptação, que se traduz em um longo processo e a insegurança como arquétipo do medo passa a fazer parte deste universo relacional.

Com o passar dos anos, essa vivência materna passa a cercar-se de um sentimento de preocupação sobre o futuro de seu filho e questionamentos surgem sobre qual será o destino pessoal/profissional dele. Além disso, dúvidas sobre quem ficará responsável pelos cuidados e necessidades diárias também aparecem, pois como as mães dedicam a sua vida de maneira integral para a criação dos seus filhos, elas não acreditam na possibilidade de outra pessoa ter uma atitude semelhante.

Nesse sentido, com a realização da pesquisa foi possível identificar a necessidade de que a emoção do medo seja trabalhada dentro dos fundamentos da Educação Emocional com a finalidade de contribuir para que as mães compreendam as suas vivências emocionais individuais e relacionadas aos seus filhos, oferecendo a possibilidade delas contribuírem de maneira positiva para a formação social, emocional e educacional na vida de seus filhos com deficiência, bem como possam se empoderar diante de sua condição materna. Quando relacionado ao contexto das mães, observa-se o quanto essa necessidade protetiva pode interferir na vida do seu filho com deficiência, sendo necessário que elas se tornem conscientes emocionalmente para serem capazes de regular as suas reações emocionais.

Entende-se que a Educação Emocional se configura nesse contexto como um instrumento pedagógico e de autoconhecimento fundamental que oportuniza a consciência sobre si e a compreensão do universo emocional do outro, resultando na vivência saudável e harmoniosa das emoções, contribuindo, neste cenário, para a melhoria da relação mãe e filho. A Educação Emocional se caracteriza como uma prática que possibilita que os cuidados maternos excessivos decorrentes da emoção do medo não tornem os filhos com deficiência vulneráveis e invisíveis, visando o seu empoderamento e protagonismo.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. S. F. **Projeto Escola Viva: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola: necessidades educacionais especiais dos alunos.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.
- BASTOS, O. M.; DESLANDES, S. F. A experiência de ter um filho com deficiência mental: narrativas de mães. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, p. 2141-2150, 2008.
- BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- CASASSUS, J. **Fundamentos da Educação Emocional.** Brasília: UNESCO, Liber Livros Editora, 2009.
- DAMÁSIO, A. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 36, p. 21-31, 2007.
- GUERRA, C. S. et al. Do Sonho à Realidade: Vivência de Mães de Filhos com Deficiência. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, n.2, p. 459-466, 2015.
- KLEBA, M. E.; WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde Soc**, São Paulo, v.18, n.4, p. 733-743, 2009.
- MOURA, L; VALERIO, N. A família da Criança Deficiente. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.3, n.1, p. 47-51, 2003.
- NAVAS, J. M. M. e BOZAL, R. G. **La Regulación de las Emociones - una vía a la adaptación personal y social.** Madrid, Ediciones Piramide, 2012.
- OLIVEIRA, I. G.; POLETTO, M. Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 16, n.2, p. 102-119, 2015.
- POSSEBON, E. G. **As emoções básicas: medo, tristeza e raiva.** Libellus. João Pessoa, 2017.
- SANTOS, C. C. T. et al. Estresse Emocional em Famílias de Crianças com Necessidades Especiais - Revisão Bibliográfica. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 1, p. 247-249, 2018.
- SOARES, V. L.; REGO, S. L. A. A família e a Deficiência: traçando um paralelo com o Filme Meu Pé Esquerdo. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 3, n.1, p. 41-46, 2003.